

POR QUE BOMBEIROS QUEIMAM LIVROS?

Maurício Fontana Filho¹

Entrou na livraria em busca de material jurídico, acabou se perdendo pelos corredores e indo parar na seção de literatura. Hemingway, Zamyatin, Goethe, Vonnegut, Bradbury, Golding. Nunca tinha ali estado. Sua vida foi uma constante sem intervalos para reflexão. Do seio da mãe ao ensino primário, depois ao secundário e à faculdade de Direito. Casou-se com a filha de um amigo do pai e vem advogando desde então. Veste-se de acordo, paletó, sapato e gravata. Com seriedade no olhar, ombros eretos imponentes e um andar obstinado, examinava as estantes e suas inúmeras possibilidades. Notou um vendedor a se aproximar aos pulos.

- Oh cliente, posso ajudá-lo com alguma coisa? Um abraço, talvez?

- Quê? Por que um abraço?

- Uh, bom, o senhor parece meio perdido, desolado aí, estou aqui para o senhor, o que precisar. Autoajuda no segundo piso.

- Do que se trata este vermelho aqui?

- Ah, Ray Bradbury, eu acho que é sobre bombeiros que queimam livros, uma coisa assim.

- Por que eles fariam isso? Bombeiros apagam o fogo, não causam ele. Se queimassem, o Código da Cidade teria de ser acionado, uma resolução publicada, passar pelas câmaras, além dos decretos que tratam o controle do fogo, sabe? e...

- É um livro de ficção. Não é real. É livro pra crianças autistas e gente que quer fugir da realidade.

- Mas por que queimar os livros?

- Deve ser porque não gostam deles, uma coisa assim. Uma vez vi um homem batendo os punhos contra flores no solo, ele gritava, furioso, sabe. Algum motivo ele tinha.

- Você gosta?

- De flores? São legais, eu acho, menos as com espinhos, dessas eu não gosto tanto.

- De livros de literatura, estamos falando de livros de literatura.

¹ Bacharel em Direito e graduando em Psicologia pela Universidade Regional do Estado do Rio Grande do Sul. Especialista em Ciências Sociais pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: mauricio442008@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1347-8903>

- Nunca li um. Na verdade, eles saem pouco, quase ninguém vem nesta seção. Me surpreende um homem bem arrumado como o senhor entrar aqui. Geralmente só vem gente velha, barbuda e malvestida. Acidentados mentais, lunáticos, bêbados, e os piores tipos que já vi, os sociólogos.
- Eu me perdi. Me veja um manual de direito tributário, por favor.
- Livro importante para um homem importante. Nada de bombeiros que queimam livros, então? Vai ficar ali por um bom tempo. Quem sabe alguém precise de um peso de porta diferenciado, huh?

Nas noites seguintes, passou a falhar em penetrar sua companheira. Não é que não sabia onde colocar. Ele sabia sim. Sabia onde colocar. Sabia onde colocar, eu disse. Sabia muito bem onde colocar. O problema era outro. Além desse, talvez. Sua mente ia além. Flutuava. Não estava na carne. Pensava nas estantes e no que o vendedor lhe dissera. Por que queimar a droga dos livros? Não fazia sentido. A resposta parecia distante. Tomava seu conteúdo como um mistério. Algo excessivamente valioso para um só homem possuir. Mesmo com esforço, não conseguia conjurar motivo forte o bastante para adquirir a obra. Jamais poderia justificar-se à esposa nem aos amigos nos jantares. Por que fazer a tal leitura com tantos manuais de direito sendo lançados? Estes são mais convenientes ao momento. Encaixam-se ao seu ofício. Ao seu *status* social. Tornam-no inculpável, inacessível, irrepreensível. Imune ao vigiar alheio e seus julgamentos. Se sentia protegido, mas inquieto, incompleto. Sua curiosidade mantinha-se insaciada, insatisfeita, infectada pela dúvida. Sentia-se movido por uma bactéria invasora. Um pequeno micróbio interrogativo que o fazia querer sair e descobrir tudo o que perdia ao manter-se nesse estado de vida ordinário, sujeito a costumes e olhares, reprimendas e jantares.

Ele mergulhava em seus seios. Afogava-se. Não sabia o que fazer com eles. Ficavam ali, molengas, sérios. Faça alguma coisa. Faça alguma coisa. Ele os colocava entre os lábios. Por quanto tempo mais? Na escuridão, cabeça baixa, o desânimo tomava conta. Não queria estar ali. Pôs seu membro rígido às costas da companheira e permaneceu. Quietamente. Pressionando-a contra o colchão. Ela sem emitir palavra. Ele se movimentando em vai-e-vem. Ela quase dizendo “mais embaixo”. Ele mirando a negritude do recinto. Quase chorava. Ela sem entender o que sucedia. Deveria começar a gemer agora?

A seriedade do olhar tornou-se dúvida, os ombros eretos se curvaram, e o andar, um dia obstinado, passara a um estado de incerteza crônica.

Sua senhora logo notou algo de errado consigo:

- O que está acontecendo? Você anda estranho. Fica aí parado mirando o vazio. O pessoal do escritório já está comentando. E no quarto? Eu achei que você fosse abrir um buraco nas minhas costas, que diabos?
- A menopausa masculina finalmente me alcançou, mulher. E para ser honesto estava escuro, e quando é escuro eu não vejo direito, e se não vejo direito como vou saber onde coloco?
- Aos vinte e oito anos? Na porra dos vinte e oito anos? Vá ao médico e resolva logo isso ou passarei eu a tomar as decisões. Não volte aqui sem um mapa do corpo feminino.

Foi o que fez no dia seguinte. Visitou um consultório cujo doutor parecia que tinha mais de cem anos, rosto caído, enrugado, cabelo branco e desordenado. Uma múmia da profissão. O que lhe chamou a atenção foi o olhar velho e triste. Seu jeito de se postar, velho e triste. Seu jeito de respirar, também velho e triste. Bufava feito, sim, um velho triste. Até as roupas lembravam – de novo, caro leitor – um velho triste, isso mesmo, adivinhou. Como ia usar o mapa no escuro? Ao relatar suas falhas sexuais e os pensamentos que permeavam sua mente foi logo interrompido:

- Fique longe desses livros. Especialmente do autor que mencionastes. A literatura é uma fonte inesgotável de sofrimentos, dores infinitas, pesares, transtornos e enfermidades. Não há nada lá senão o adoecer humano. É a chaga da espécie. Os olhos que observa foram vítimas de décadas de leitura. Olhe-me e entenderás o quanto padeço. Eis meu conselho médico, estás pronto? Coma sua esposa, advogue à vontade e morra em paz. Aqui está seu mapa, é o terceiro só esta semana.

Quando já estava para sair o velho ainda disse:

- E use sempre uma gravata! Até no banho! Ela vai te manter longe do caminho do mal!

A receita de fármacos que esperava não veio. Apenas conselhos de um morto-vivo de mil batalhas. Ao chegar em casa, suas dúvidas só cresceram. Um absoluto imperante. Disse de suas inclinações para a esposa, a qual retorquiou:

- Quer ler livros de criança agora, historinhas de mentira, é isso mesmo? Como pode querer isso? Queira outra coisa. Esses seus gostos não são de um mundo prático. Coloque já a gravata e vá trabalhar. Tem uma profissão importante! Seja importante!

O trabalho exigia sua escuta, mas os pensamentos gritavam. Outro que preciso orientar. Sempre a mesma história. Um bando de selvagens.

- Ela andava de saia justa e blusa colada no corpo, que que eu ia fazer, doutor? Senhor no meu lugar faria o mesmo, com respeito, claro. Ela nem andava, eu me corrijo, ela desfilava, o que que um homem faz quando vê isso? Você mete a mão, a boca, pega, aperta, é do ser humano, até porque ela...

Se o casebre está em chamas, havendo um incêndio, faria sentido molhar os livros para apagar o fogo, pensava. Se lá há livros, molham-se os livros, mas por que um bombeiro queimaria um livro? Um livro sobre queima de livros por bombeiros? Talvez o casebre estivesse inundado, e para secá-lo os bombeiros tiveram de atear fogo, queimando os livros, é, pode ser sim.

- E a lua dá um tom de romance no negócio, senhor sabe como é, a gente olha para a lua e fica num clima, e eu não me segurei doutor, a natureza humana erra, não que tenha sido um erro, já que a lua...

- Por que um bombeiro queimaria um livro?

- Bem, é, um livro? Livro de ler? Um bombeiro fazendo isso por aí solto? Olha, doutor, quando a gente é criança a gente gosta de queimar as coisas, pode ser que o bombeiro era criança disfarçada, uma criança-bombeiro, com mangueira de criança e chapéu, casaco tudo amarelo, máscara também. Mas como eu ia dizendo a menina resistiu, no meu lugar o senhor com certeza...

O vendedor não falou nada sobre crianças. Um livro sobre crianças-bombeiro que queimam os livros, pode ser sim. Mas não acreditava nisso. Deviam ser adultos-bombeiro. É. Adultos-bombeiro com algum senso de propósito. Uma motivação concreta.

Sua vida avançava em direção a pequenos morros nas montanhas, onde novos obstáculos se faziam presentes. Onde suas vontades se tornavam mais e mais refinadas pelo tempo e pelo existir. Onde a satisfação era rarefeita pela unilateralidade do momento e das experiências. Onde a curiosidade tinha um peso quase que insuportável. Quase. Mas vinha crescendo.

Respirava diariamente a incapacidade de uma vida comum, desprovida das abstrações por si requeridas. O cavalo amarrado no quintal jamais seria tão belo quanto o Pégaso imaginado que voava entre as nuvens. Ele advogava. E assim conseguia pagar as despesas, suas e de sua companheira para a vida, que não era uma vida de fato. Meras sobras deixadas para fora das estantes. Mexendo com papéis o dia todo, masturbando palavras para agradar juízes e clientes, invertendo a verdade, do português ao latim. De audiência em audiência a comida passou a ter

gosto de cinza, e a tranquilidade tornou-se tensão. Não tensão. Tensão. Queria voar, mas a gravata o prendia ao solo. Até que um dia, visualizando o seu abatimento contínuo, a mulher que chamava de sua, expôs uma saída:

- Você sempre pode se aposentar daqui a quarenta anos, meu bem, e aí, sim, dedicar-se a essas suas coisas que não importam tanto. Daí pode desperdiçar o tempo que quiser.

E assim aceitou. Dia após dia indagava: por que bombeiros queimam livros? Conjeturava hipóteses. Não ousava ir além. Aos sessenta e oito, e nenhum momento mais, iria sair dali, e desbravar a humanidade contida na literatura. E com ela, todos os seus mistérios. Chega de papéis com as mesmas frases, linguagem gélida e sem brilho. No momento certo, conheceria o mundo em seu sentido mais magnífico. Que queimem as petições, os martelinhos de juiz, os direitos, e principalmente as gravatas. Malditas gravatas. Tinha apenas de esperar. Ninguém morreu de esperar.

Aos quarenta e seis perdeu a capacidade de falar. Com cinquenta e oito suas mãos tremiam e sofria de convulsões terríveis, que o tiravam o sono todas as madrugadas. Mesmo assim, prosseguia sua atividade, se não mais sozinho, com um ajudante à sua frente, assumindo responsabilidades, ordenando deveres e incumbências, realizando reuniões em seu nome, coletando assinaturas e atuando por clientes.

Aos sessenta e três, pegou sua esposa fodendo com o ajudante no porão. Estranhamente, era um misto de sangue, suor e sêmen em amálgama a dois corpos nus. Sabia que depois daquela imagem, jamais teria nova ereção em sua vida. Ou apetite. Ou vontade de visitar porões. Faltavam só cinco anos. Não tinha problema, pensou. A visão de dois indivíduos idosos e suados se esfregando contra canos e pedaços de arame no chão demorou algumas semanas para sair de sua cabeça. Ele passou, então, a ouvir ruídos que indicavam coito em prosseguimento na residência. Quando ouvia, não entrava no dito cômodo. Não queria interditar com cones e fita de sinalização um segundo recinto. Passados poucos dias, ficou totalmente cego. Não sabe ao certo, mas crê que o que vira no porão tenha sido demasiado. Seus olhos se auto imolaram para salvar o corpo do adoecimento.

Com o evento-porão, os jantares ganharam tons bizarros. O hábito desde há muito era o de reunirem-se todos à mesa de jantar para as refeições. Antes da supracitada ocorrência carnal, já predominava um silêncio ritualístico. Após, este passou a ser interrompido por intervalos de insanidade. Um dia, o ajudante, com forte pigarro, irrompeu da seguinte forma:

- Amigos partilham de tudo, alimentos, sabonete, até o interior de uma senhora. Sinta-se livre para entrar comigo. Quando quiser. Os anos tiraram a firmeza de sua pele, mas lhe deram espaço entre as coxas. Há caminho suficiente para o deleite de ambos, estou certo. Como colegas de trabalho, e até irmãos, não há porquê deixarmos uma pequena diferença nos dividir. Pelo contrário: dividi-la-emos, juntos, de mãos dadas, em família.

Foi a primeira vez que viu uma mulher ser chamada de *diferença*, grotesco. Ela permanecia sem imiscuir-se. Comia sua sopa de batatas sem mirar pessoa. Ao menos, sem sua capacidade de fala, não teria de retrucar convite tão débil. Sem sua visão, não teria de avaliar quaisquer olhares. Imaginou dois leões sexagenários trocando secreções com uma leoa cansada. Ela come sopa em silêncio. Medita o declínio de suas próprias articulações. Não entende o que se passa. Nem ele. Quem é que poderia desejar dois velhos em conjunta intersecção peniana? A visão de um cadáver bailarino lhe daria inferiores náuseas. Não têm capacidade física para esvaziar o intestino sozinhos, que fariam com uma fêmea hiperativa? Mais fácil as montanhas criarem asas e desaparecerem no horizonte em pleno voo.

Um ano após a cegueira, sua companheira pegou os pertences e partiu junto do novo marido. Este passou à posição de advogado constituído, subtraindo pelo convencimento a força majoritária de seus clientes a trocarem-no por ele como responsável absoluto por seus interesses.

Sua existência seguia. As madrugadas eram preenchidas por um misto de convulsões e reflexões solitárias. Ele criava universos inteiros em sua imaginação, e isso o transportava de todo o sofrimento que sentia. O suor empapava os lençóis ante suas imperecíveis crises. Às tardes, se alimentava dos restos que encontrava pela casa, e de tudo que lhe parecia passível de ser deglutido. Seu olfato já falhava. Era pelo gosto que sentia o que poderia ser ingerido. Às noites, arrastava-se em busca de vivalma com quem conversar, sofrendo na solidão. Passou semanas assim. Depois meses. Lamentava ter falhado como marido. Como advogado. Como ser humano. Já não tinha se dado conta da idade nem de quanto lhe faltava para poder desfrutar da vida que almejava. Que tanto sonhara. Que aguardava. Estava sempre faminto. Tanta fome tinha. Em contradição ao que supunha do encontro no porão, seu apetite era voraz. Aparentemente, não importava quantos idosos visse em ato promíscuo, teria fome. Não sabia, mas havia dias em que devorara sapatos, insetos, pedaços de mobília, pequenos roedores. O tempo passava, e seus sentidos definhavam, cruelmente.

No avançar dos anos, a casa passou a estar repleta de fezes, corredores inteiros cobertos de excremento e urina humanos. Sujo. Como se um porão expandido, criado pelas desventuras de um só homem. Paredes marcadas por mãos e um chão munido de rastros pútridos adornavam o ambiente. O único morador, integralmente deitado, ossos à mostra, os poucos dentes que lhe restavam, de coloração amarelada, como seus olhos. A pele esbranquiçada e os cabelos escassos davam uma visão de amargura e desleixo a alguém que já fora chamado de Doutor, e tratado com reverência.

Enquanto alucinava, era constante a indagação: terei sessenta e oito agora? Ei de permitir-me fazer o que me apraz?

De fato, o médico esteve certo em sua assunção de que a literatura é uma fonte inesgotável de sofrimentos. Mas para aqueles privados de sua maestria. Mas para aqueles privados de sua imponência. Mas para aqueles privados de seu espírito criativo.

O passar de anos recluso consumou um lento definhar. Tinha noventa e três anos. Ainda que nu, os restos de uma gravata permaneciam no peito. Por que bombeiros queimam livros? Tal indagação ainda vagou por seus últimos pensamentos. Sem resposta. Para todo o sempre permaneceria assim. Sem resposta.

*Recebido em 11 de setembro de 2022.
Aceito em 24 de janeiro de 2023.*